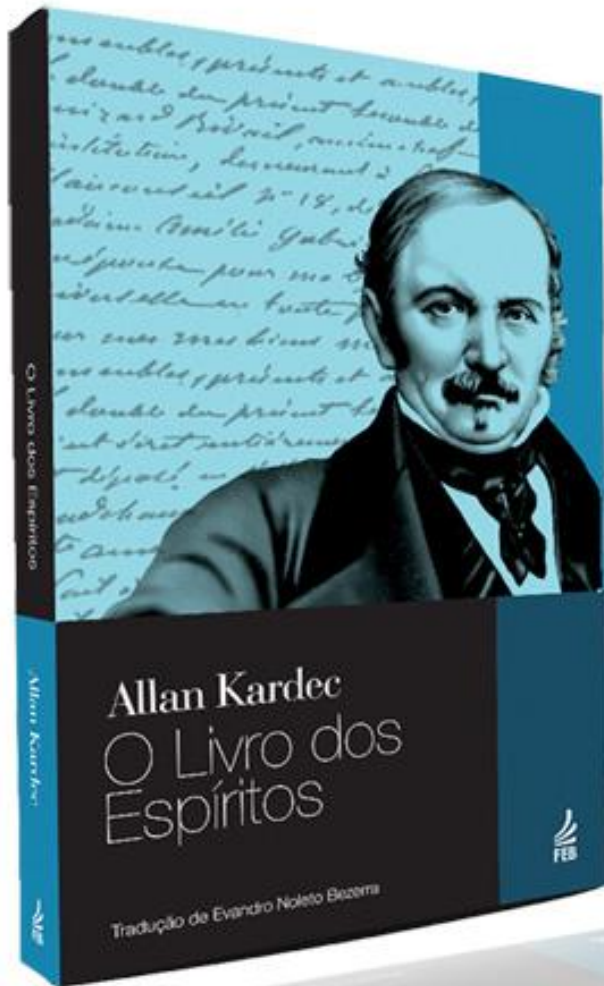


O Livro dos Espíritos

Introdução

Tópicos X a XII



“[...] Mas se for uma verdade, triunfará de todas as oposições, de todos os sarcasmos; direi mesmo, de todas as perseguições, [...].”

(KARDEC, *Revista Espírita* 1859)

Objecções:

- linguagem dos Espíritos não é digna de seres sobrenaturais;**
- só potência diabólica se manifesta**
- somente Espíritos de personalidades conhecidas;**

X

“Entre **as objeções**, algumas há mais sedutoras, ao menos na aparência, porque colhidas da observação e feitas por pessoas sérias.

Uma dessas objeções é que a linguagem de certos Espíritos não parece digna da elevação que se atribuí a seres sobrenaturais. Quem se reportar ao resumo da Doutrina, acima apresentado, verá que os próprios Espíritos nos ensinam **não são iguais em conhecimento, nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem.** Cabe às pessoas sensatas incumbir separar o bom do mau.

§] =>

Seguramente, os que deduzem desse fato que só lidamos com seres malfazejos, cuja única ocupação é mistificar, não conhecem as comunicações que são dadas nas reuniões em que só se manifestam Espíritos superiores; de outro modo não pensariam assim. É lamentável que o acaso os tenha servido tão mal, não lhes mostrando senão o lado mau do mundo espiritual, pois não queremos supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos bons Espíritos, os maus, os Espíritos mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseria.

§]=>

Poder-se-ia, no máximo, concluir que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para afastar o mal e que, achando certo prazer em lhes satisfazerem a curiosidade, os Espíritos maus disso se aproveitam para se insinuar entre elas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de estouvados ou de gente de má fama, da qual nem participam as pessoas circunspectas nem as sensatas. Essas criaturas se encontram na situação de **um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais desprezível de seus subúrbios, julgasse todos os habitantes pelos costumes e pela linguagem desse bairro ínfimo.**

§] =>

No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular. Mas, perguntam elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiqueis no subúrbio; vede, observai e julgai; os fatos aí estão para todos. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.*

Uma variante dessa opinião consiste em não ver, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais a que elas dão lugar, mais do que **a intervenção de uma poder diabólico**, novo proteu [deus marinho, que podia assumir diferentes formas] que revestiria todas as formas, para melhor nos enganar. Não a julgamos merecedora de exame sério, razão porque com ela não nos demoramos: já está refutada pelo que acabamos de dizer. Acrescentaremos apenas que se fosse assim, teríamos de convir que o diabo é às vezes bastante criterioso, bem razoável e sobretudo muito moral, ou, então, em que há também diabos bons.

De fato, como acreditar que Deus só permita ao Espírito do mal se manifestar para nos perder, sem nos dar, em compensação, os conselhos dos Espíritos bons? Se Ele não o pode fazê-lo, não é onipotente; se pode e não o faz, isso é incompatível com a sua bondade; ambas as suposições seriam uma blasfêmia. Note-se que admitir a comunicação dos Espíritos maus é reconhecer o princípio das manifestações. Ora, desde que elas existem, só pode ser com a permissão de Deus.

§] =>

Como acreditar, sem cometer impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

É estranho, acrescentam, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que são eles os únicos a se manifestarem. Eis aí um erro, oriundo, como tantos outros, de observação superficial. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, há maior número dos desconhecidos do que de ilustres, designando-se os primeiros por um nome qualquer e muitas vezes por um nome alegórico ou característico.

§] =>

Quanto aos que se evocam, a menos que seja um parente ou amigo, **é muito natural que nos dirijamos aos que conhecemos**, de preferência àqueles que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres impressiona mais e é por isso que são mais notadas.

Acham também singular que os Espíritos dos homens eminentes atendam familiarmente ao nosso apelo e se ocupem, às vezes, com coisas insignificantes, em comparação com as de que se ocupavam durante a vida. Isso nada tem de estranho para os que sabem que o poder ou a consideração de que esses homens gozaram neste mundo não lhes dá nenhuma supremacia no mundo espiritual. Nisto, os Espíritos confirmam estas palavras do Evangelho: "Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados", que devem ser entendidas como se referindo à posição que cada um de nós ocupará entre eles.

§] = >

É assim que aquele que foi primeiro na Terra poderá ser um dos últimos no mundo espiritual. Aquele diante de quem curvávamos aqui a cabeça pode, portanto, vir entre nós como o mais humilde operário, porque, ao deixar a vida, deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez lá se encontre abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que os Espíritos inferiores muitas vezes se apresentam com nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, pois, afirmar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington etc., tenham realmente animado essas personagens?

§] =>

Essa dúvida existe entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita; admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas perguntam que controle podemos ter de sua identidade. Semelhante controle é, de fato, muito difícil de estabelecer-se. Embora não possa ser feito de modo tão autêntico como por uma certidão de registro civil, pode-o ao menos por presunção, segundo certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, sobretudo se morreu há pouco tempo, acontece geralmente que sua linguagem guarda perfeita relação com o caráter que lhe conhecíamos. Isto já é um indício de identidade. Mas quase não há lugar para dúvida quando esse Espírito fala de coisas particulares, lembra casos de família que somente o interlocutor conhece.

§] = >

Um filho não se enganará, por certo, com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem pais com a linguagem dos filhos. Algumas vezes, nessas evocações íntimas, acontecem coisas surpreendentes, capazes de convencer o maior incrédulo. O cético mais endurecido fica, não raro, aterrorizado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Outra circunstância muito característica vem com a prova de identidade. Dissemos que a caligrafia do médium muda geralmente com o Espírito evocado, e que essa caligrafia se reproduz exatamente igual toda vez que o mesmo Espírito se manifesta. Constatou-se inúmeras vezes, sobretudo para pessoas falecidas recentemente, que a escrita denota flagrante semelhança com a que tinha essa pessoa em vida; têm-se obtido assinaturas de perfeita exatidão. Longe estamos, entretanto, de dar esse fato como regra e menos ainda como regra constante; apenas o mencionamos como digno de nota.

Somente os Espíritos que atingiram certo grau de purificação se acham libertos de toda influência corpórea; porém, **quando não estão completamente desmaterializados – é a expressão de que servem – conservam a maior parte das ideias, dos pendores e até das *manias* que tinham na Terra, o que também é um meio de reconhecê-los, meio a que igualmente se chega por uma imensidade de fatos minuciosos, que só uma observação atenta, cuidadosa, pode revelar.**

§] =>

Veem-se escritores a discutir suas próprias obras ou doutrinas, aprovando ou condenando certas partes delas; outros Espíritos a lembrar circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de suas vidas ou de suas mortes; enfim, todas as coisas que são ao menos provas morais de identidade, únicas que se podem invocar, tratando-se de coisas abstratas.

Se, pois, a identidade do Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros; e se não dispomos dos mesmos meios de controle para pessoas cuja morte ocorreu há mais tempo, **resta sempre o da linguagem e do caráter, porque, seguramente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um devasso.** Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e por suas máximas.

§] =>

Aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que ofendesse, ainda que acidentalmente, o bom senso e a moral, mostraria, por esse simples fato, o embuste. Se, ao contrário, os pensamentos que ele exprima são sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivo para que se duvide da sua identidade. De outro modo, seria preciso admitir que um Espírito que só prega o bem é capaz de mentir conscientemente e, ainda mais, sem utilidade alguma.

A experiência nos ensina que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias. Ora, o número dos Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los a todos; a maioria deles nem mesmo tem nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, pois, vir em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe é idêntico e pode substituí-lo e porque precisamos de um nome para fixar as nossas ideias.

§] = >

Mas, que importa, afinal, que um Espírito seja, realmente, o de Fénelon? Desde que só diga coisas boas e fale como o teria feito o próprio Fénelon, é um Espírito bom; o nome pelo qual se dá a conhecer é indiferente, não passando muitas vezes de um meio de que lança mão para nos fixar nossas ideias. Não se daria o mesmo nas evocações íntimas, mas, aí, como já dissemos, a identidade pode ser estabelecidas por provas de certo modo evidentes.

Por fim, é certo que a substituição dos Espíritos pode causar uma porção de equívocos, resultar em erros e muitas vezes em mistificações. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Mas jamais dissemos que esta ciência fosse uma coisa fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, como também não se dá com qualquer outra ciência. Nunca será demais repetir que ela exige um estudo assíduo e, geralmente, muito prolongado.

§] =>

Não se podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem por si mesmos; muitas vezes esses fatos ocorrem por efeito de circunstâncias em que menos se pensa. Para o observador atento e paciente, os fatos são abundantes, porque ele descobre milhares de matizes característicos que, para ele, são raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns; enquanto o homem superficial não vê numa flor mais do que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

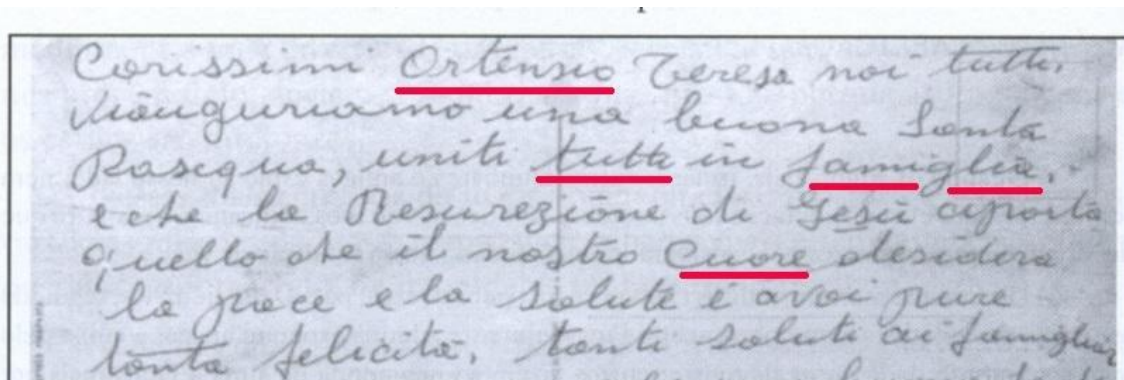
Grafoscopia

Médium: Chico Xavier

Autora: Ilda Mascaro Saullo
(Italiana)

Perito: Carlos Augusto Perandréa

A *Psicografia à Luz da Grafoscopia* - Carlos Augusto Perandréa, professor do Departamento de Patologia, Legislação e Deontologia da Universidade Estadual de Londrina, desde 1974, na disciplina de Identificação Dactiloscópica e Grafotécnica. Perito judiciário em Documentoscopia desde 1965. Foi grafotécnico do Banco do Brasil de 1965 a 1970 e professor de Dactiloscopia e Grafoscopia da direção geral do Banco do Brasil, de 1972 a 1986. Em toda a sua vida profissional, 25 anos de atuação, com cerca de 700 laudos técnicos, não houve uma única contestação.



Peça-padrão — escrita do próprio punho de Ilda Mascaro Saullo, falecida em Roma, Itália, em 20 de dezembro de 1977.

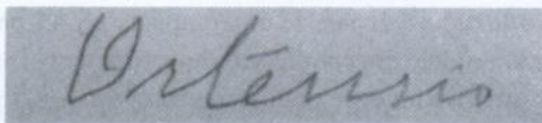


Figura 1

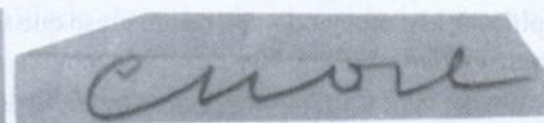


Figura 3

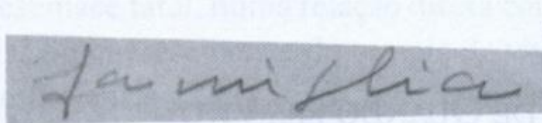


Figura 2

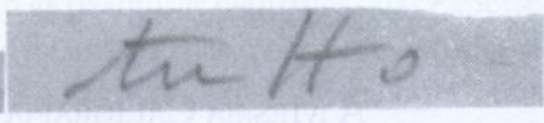
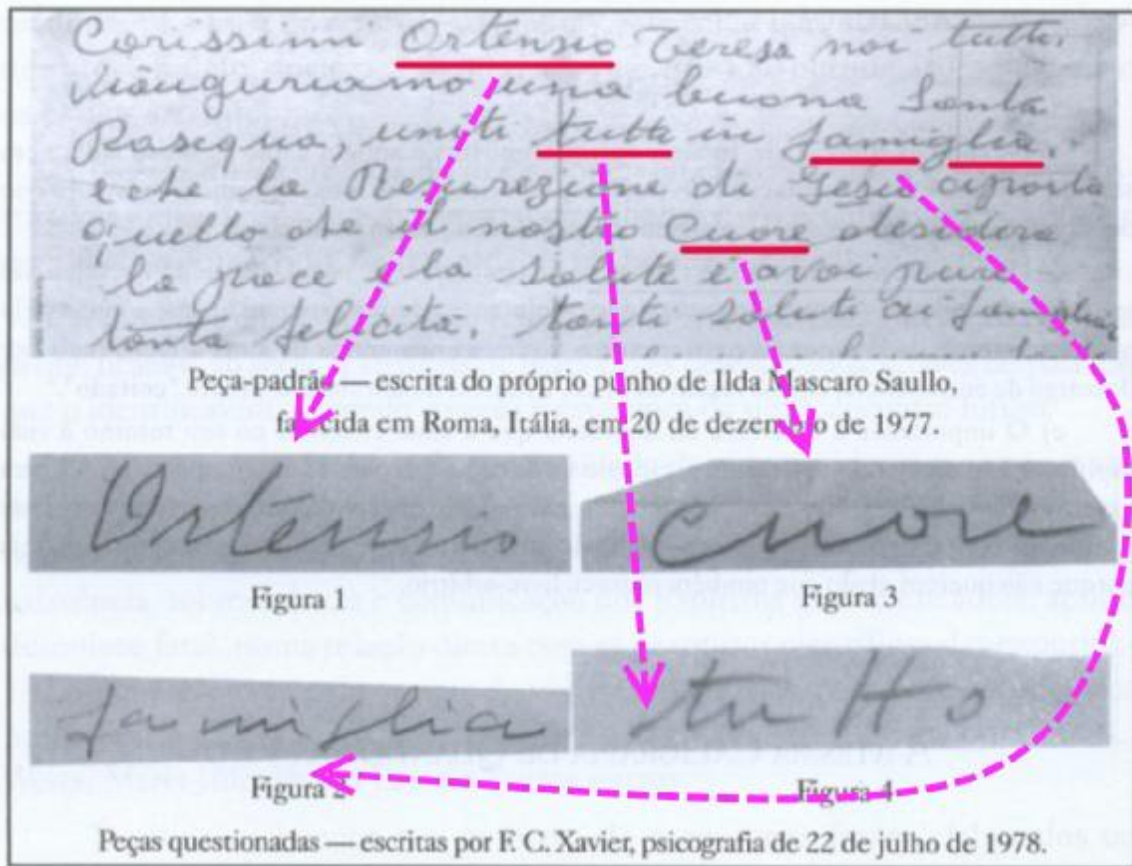


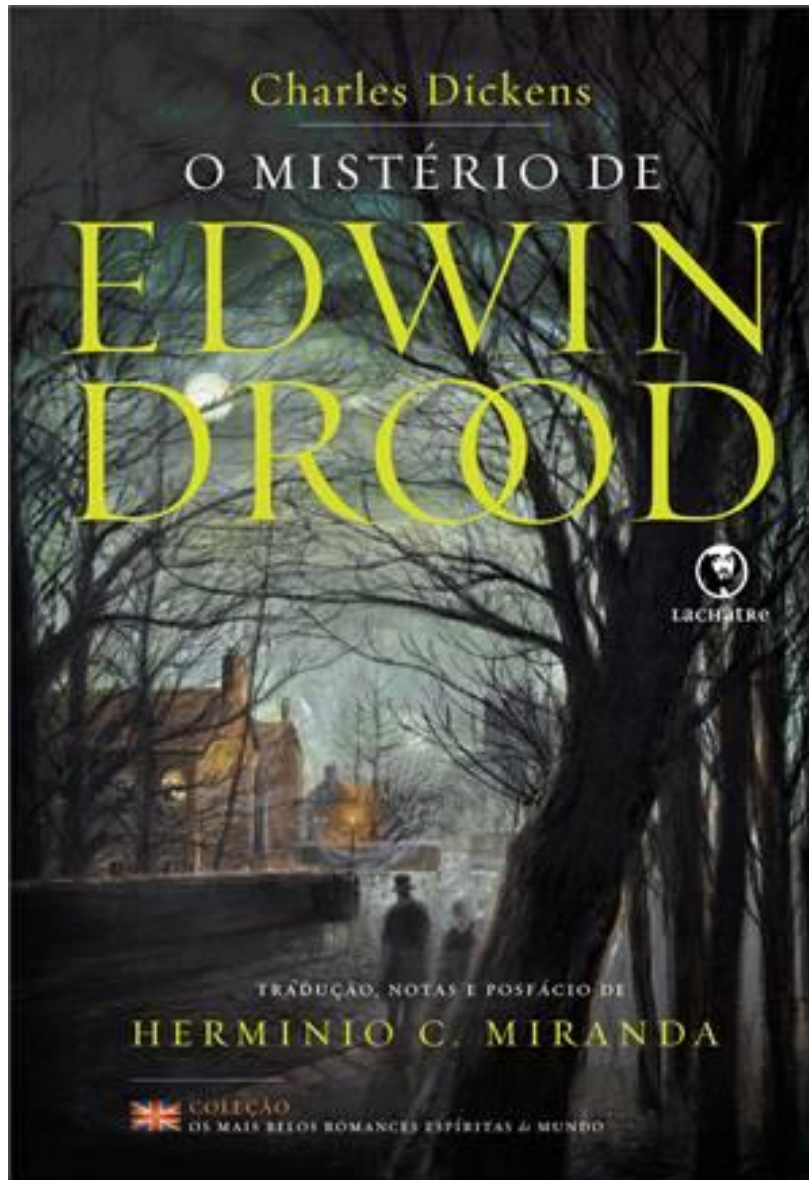
Figura 4

Peças questionadas — escritas por F. C. Xavier, psicografia de 22 de julho de 1978.



Parecer final:

“A mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier, em 22 de julho de 1978, atribuída a Ilda Mascaro Saullo, contém, conforme demonstração fotográfica (figs. 13 a 18), em “número” e em “qualidade”, consideráveis e irrefutáveis características de gênese gráfica suficientes para a revelação e identificação de Ilda Mascaro Saullo como autora da mensagem questionada.”



“[...] O autor, Charles Dickens, morreu em 1870, deixando a obra incompleta. Eis que em 1872, Dickens se manifesta nos Estados Unidos através da mediunidade de um jovem e desconhecido mecânico semi-analfabeto, escrevendo o desfecho da obra.

Médium: Thomas P. James

O livro ficou pronto em 1873 e ninguém consegue perceber onde o escritor encarnado parou e onde o autor espiritual continuou. O mecânico médium, com tais páginas cheias de erudição chocou e deixou indignados os críticos e intelectuais da época. Entretanto impossível era negar que o que ele produzia era mesmo a continuação do livro inacabado de Dickens. [...]."

(<http://somesespiritos.blogspot.com.br/2008/11/o-mistrio-de-edwin-drood-charles.html>)

Site:

www.paulosnetos.net

E-mail:

paulosnetos@gmail.com